

Nadja Mauad

para estudar. Essa última semana foi ainda pior, porque é muito mais difícil encontrar coisas sobre futebol feminino”, completa Ana Thaís.

LUGAR DE MULHER

Todo esse trabalho e pesquisa legitimam a escolha dessas mulheres para as posições que ocupam hoje. Nadja comemora a oportunidade de fazer parte dessa cobertura. “Eu achei muito bacana, porque eles decidiram colocar mulheres que entendem de futebol e entendem o que é essa Copa. Acho que as mulheres estão vivendo um tempo em que a gente não aceita mais não ter espaço, a gente quer ter espaço em todas as áreas. A gente não aceita mais o ‘não’ e a gente vai atrás do ‘sim’. Eu espero que cada vez mais mulheres possam estar fazendo parte do que elas querem de verdade. Eu não me considero feminista, mas me considero uma mulher que está abrindo portas para as outras”.

Milene diz que também não se considera feminista, mas vê com bons olhos todas essas mudanças nos espaços ocupados por mulheres. “A porcentagem ainda é muito diferente, mas a participação das mulheres é uma realidade e já é muito aceita pela outra parte. Esse evento vem só complementar isso, certificando que as mulheres podem estar tanto dentro, quanto fora de campo”.

Ana Thaís intensifica o coro das colegas, mas faz diferentes ressalvas sobre o feminismo. “É importante ter mulher em todos os setores. Acho que, nesse caso, teve uma preocupação especial com a Copa porque é feminina. Até para dar es-

paço para outras mulheres que nunca participaram do futebol feminino. Mas quanto a ser feminista, isso é uma questão bem clara na minha cabeça. Eu sou feminista desde quando era criança e briguei no meu bairro para que tivesse um campinho de terra para as meninas jogarem bola. O feminismo incomoda, mas não quer se sobrepôr a ninguém. O feminismo só quer a igualdade de direitos entre homens e mulheres”, defende.

Ana Thaís, inclusive, foi vítima de comentários machistas por um ex-repórter do jornal ‘O Globo’, demitido após a confusão. Venê Casagrande direcionou comentários ofensivos a repórter através de sua conta no Twitter. “Eu não vi em um primeiro momento. Não o conhecia e continuo não conhecendo. Não entendi muito bem o que aconteceu, mas acho que cada um é responsável pelo que faz. Eu já errei várias vezes e paguei pelos meus erros. Então, eu acho que as pessoas têm que entender que são responsáveis pelo que elas falam, pelo que elas publicam nas redes sociais e aceitarem a consequência disso”, diz a jornalista.

RONALDE O LEGADO

Falando em responsabilidade, Milene destaca que procura passar ao filho, Ronald, uma educação que priorize o cuidado com o próximo. “Eu não sou radical,

acho que tudo sempre tem os dois lados. Acho que todo mundo tem o seu papel e deve ser respeitado, e é isso que eu venho tentando passar para o meu filho. Não só no esporte, como na vida, você tem que respeitar o próximo, independentemente de raça, cor ou gênero”.

Mas será que Ronald, de 19 anos, filho de dois jogadores — fruto da relação de Milene com Ronaldo, bicampeão pela seleção brasileira e eleito três vezes o melhor jogador do mundo — também é apaixonado por futebol? “Ele não é muito de acompanhar. E em junho, vai para Ibiza, porque ele é DJ já há um tempo e lá tem um dos maiores encontros de DJs do mundo nessa época do ano”.

Milene, no entanto, defende que o filho deve acompanhar pelo menos um pouco da competição para prestigiar a mãe. “Ele está mais ansioso por mim do que pela Copa. Ele está todo orgulhoso, ainda mais porque convive comigo e sabe o quanto eu batalho e o quanto quero que as meninas cresçam. É lindo ver esse crescimento do futebol feminino e essa chance que estão dando para as garotas. É uma oportunidade ótima para quem gosta de futebol feminino ter o que ver. No final, para comentar, é só mais uma partida de futebol, mas essa Copa do Mundo, para mim, tem um gosto todo especial”, finaliza.

“Acho que as mulheres estão vivendo um tempo em que a gente não aceita mais não ter espaço, a gente quer ter espaço em todas as áreas”

NADJA MAUAD